

Do Ouro ao Pó: A (Re)produção do Espaço Urbano em Santa Luzia (MG)¹

Paula Fernandes Furbino Bretas

Resumo

Neste ensaio fotográfico, pretende-se compreender de que forma o processo de *organizing* se configura na cidade de Santa Luzia (MG). Apresenta-se uma breve contextualização sobre a (re)produção do espaço social, do ciclo do ouro aos dias atuais, levando-se em consideração aspectos históricos, simbólicos e de desenvolvimentos econômico e urbano. As fotos foram apresentadas em dicotomias, separando Santa Luzia (sede) e São Benedito (distrito), marcando as diferenças dos espaços nas seguintes categorias: centro x periferia, inércia x movimento, tradição x progresso. Conclui-se que a cidade é organizada pelos sujeitos que fazem uso dela, entretanto, permeados por relações de poder, pois a organização do espaço urbano exerce um papel no processo de dominação, junto com outros elementos que constituem um dispositivo de poder no capitalismo contemporâneo.

Palavras-chave

Espaço Social. Cidades. Relações de Poder. Resistências.

Abstract

In this photo essay, I aim to understand how the organizing process is set in the city of Santa Luzia (Brazil). It presents a brief background on the (re) production of social space, from the gold cycle to the present day, taking into account historical, symbolic features and also economic and urban development. The photos are presented in dichotomies, distinguishing Santa Luzia (city) from São Benedito (district), highlighting space differences in the following categories: center vs. periphery, inertia vs. movement, tradition vs. progress. My conclusion is that the city is organized by the individuals who use it. However, this use is permeated by power relations, because the organization of urban space plays a role in the process of domination, along with other elements that constitute a power device in contemporary capitalism.

Keywords

Social Spaces. Cities. Power Relations. Resistances.

INTRODUÇÃO

Santa Luzia é uma cidade histórica da Região Metropolitana de Belo Horizonte com cerca de 216.000 habitantes. Seu adjetivo “histórico” refere-se à sua inserção no ciclo do ouro quando, em 1692, um grupo de aventureiros em busca de riquezas implantou o primeiro núcleo da vila às margens do Rio das Velhas. Em 1695, em virtude de uma enchente que atingiu esse povoado, houve uma mudança do vilarejo para a parte alta da montanha, região atualmente conhecida como Centro Histórico.

Diferentemente da maioria das cidades históricas mineiras, como Ouro Preto, Mariana e Tiradentes, o turismo não é desenvolvido e explorado. Pelo contrário, o município teve grande investimento municipal com incentivos a indústrias de vários segmentos, criando distritos industriais, como as indústrias presentes no município e no amplo setor de serviços desenvolvidos no distrito de São Benedito. O censo de 2010 aponta 130.390 habitantes em São Benedito.

Ao relatar essa transformação do espaço urbano, pretende-se, neste ensaio fotográfico, compreender de que forma o processo de *organizing* (SOUZA; COSTA; PEREIRA, 2015) se configura na cidade. Para tanto, a dicotomia será utilizada com o intuito de categorizar os dados, evidenciando conflitos urbanos. Entretanto, é importante esclarecer que não se pretende limitar a existência de práticas organizativas somente nas categorias selecionadas. Este foi o recorte feito pelo pesquisador, imerso de subjetividade.

SOBRE O ESPAÇO URBANO

Neste ensaio, serão apresentadas fotografias e discussões sobre o espaço urbano da cidade de Santa Luzia (MG) e de seu maior distrito, São Benedito. A princípio, tem-se uma visão panorâmica dos dois espaços nas Fotos 1 e 2.

Foto 1 - Visão Panorâmica do centro histórico de Santa Luzia (MG). Fonte: Prefeitura de Santa Luzia, MG (<http://euamosantaluziamg.blogspot.com.br/>)



Fonte: Autor desconhecido (<http://www.cidadesantaluzia.com.br/>)

Foto 2 - Visão Panorâmica do distrito São Benedito

Fonte: Autor desconhecido (<http://www.cidadesantaluzia.com.br/>)

Na Foto 1, pode-se visualizar o desenvolvimento urbano a partir da igreja matriz como ponto central, as ruas mais largas, o mesmo estilo de construção com telhados coloniais e semelhante padrão no tamanho e formato das edificações. Já em São Benedito, é possível perceber maior densidade de edificações no espaço, o que dificulta a visualização das ruas na imagem. Além disso, as construções não seguem qualquer tipo de padrão e ordenamento linear, conforme observado no centro histórico de Santa Luzia. Percebem-se casas menores junto a pequenos prédios e telhados de diversos tamanhos e formatos, diferentes acabamentos nas portas, janelas e paredes (ou mesmo falta de acabamento), construções que parecem comerciais bem como placas e *outdoors*.

Analisando os nomes dados à sede e ao distrito, pode-se observar uma questão de gênero na divisão da nomenclatura entre Santa Luzia (feminino) e São Benedito (masculino). Santa Luzia, protetora dos olhos, é uma santa que se tornou padroeira da cidade depois de um pescador encontrar uma imagem no rio. Algumas características socialmente construídas, mas tidas como atributos naturais do feminino, podem ser elencadas como características do próprio espaço urbano da sede, como a forte relação com a casa grande (área mais abastada), a tradição, o turismo e a religião. Por outro lado, São Benedito, padroeiro dos cozinheiros, primeiro santo negro, foi o nome dado ao distrito distante do centro histórico que se voltou para o comércio e os serviços. De forma semelhante, algumas características socialmente construídas, mas tidas como atributos naturais do masculino, podem ser elencadas como características do próprio espaço urbano do distrito, como a forte relação com a senzala (área menos abastada), a modernidade concomitante com capitalismo financeiro, o movimento de trabalhadores e a predominância do comércio formal e informal. Enquanto o espaço privado liga-se ao feminino, o espaço público liga-se ao masculino. Toda essa diversidade entre os ordenamentos socioespaciais de Santa Luzia e São Benedito será discutida na sequência deste ensaio com a categorização e caracterização de dicotomias.

Nos estudos de Raichelis (2006), tem-se que a segregação espacial e social organiza o espaço urbano através de regras que se apoiam em padrões de diferenciação social e de separação. Tais regras indicam a relação entre grupos sociais e o espaço da cidade. Analisando Santa Luzia, percebe-se que há uma grande separação entre Santa Luzia Sede (Parte Alta e Parte Baixa da cidade, incluindo o centro histórico) e o distrito de São Benedito. A primeira foto representa a escolha por mostrar a cidade por meio desses dois caminhos distintos.

Foto 3 - Dois caminhos para a cidade



CENTRO X PERIFERIA

A dinâmica do crescimento urbano traz consigo uma marca nas cidades que é a expulsão da população trabalhadora do centro para a periferia, em função da valorização do solo e da especulação imobiliária (RAICHELIS, 2006). O Estado investe em serviços de infraestrutura. Há uma valorização imobiliária e consequente elevação do custo de vida, ocasionando a migração das camadas mais pobres da população. Em Santa Luzia, este movimento foi observado a partir da restauração do Centro Histórico, mas teve uma característica peculiar. Após a reforma, a maioria das casas históricas da Rua Direita transformou-se em prédios públicos, como anexos da Prefeitura, secretaria da fazenda, órgãos da justiça etc. Outros abrigam parte do incipiente comércio e empresas prestadoras de serviços. Poucas casas são destinadas a residência.

Em São Benedito, como periferia, observa-se o desenvolvimento do setor de serviços. Segundo Fontenelle (2014), houve uma mutação do capitalismo industrial, o qual tinha como mercadorias o ferro, o linho, o trigo etc., para uma cultura de consumo que se reconstrói após a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, emergindo um estilo de

vida suburbano, cujas mercadorias passam a ser casas, automóveis, gasolina, estradas, centros comerciais, bem como geladeiras, televisão etc.

Foto 4 - Prédios no centro histórico de Santa Luzia



Foto 5 - Comércio tradicional na Rua Direita, no centro histórico de Santa Luzia



Por isso, é interessante observar a presença da metamorfose do capitalismo industrial ao capitalismo imaterial e financeiro pela qual o mundo passa atualmente (FONTENELLE, 2014). O capitalismo busca incluir a seu modo, segundo suas próprias regras, transformando modos de vidas e não apenas se caracterizando como situações transitórias (RAICHELIS, 2006). Ancorada em Hobsbawm, Fontenelle (2014) relembra que a indústria automobilística não foi criada pela demanda por carros, mas sim a capacidade de produzir carros baratos que criou um novo estilo de vida. A autora rememora ainda a criação das lojas de departamentos,

as quais só surgiram devido ao aumento da capacidade de produção junto a investimentos públicos em infraestrutura para que os consumidores pudessem ter acesso a essas lojas e, conseqüentemente, às mercadorias, sendo assim uma resposta à fábrica.

Foto 6 - Comércio formal e informal em São Benedito



Essa transformação do capital e a relação entre o processo de financeirização junto ao processo de transferência de toda responsabilidade para o cidadão-consumidor (FONTENELLE, 2014) pode ser exemplificada a seguir.

Foto 7 - Capitalismo financeiro em São Benedito



Ao mesmo tempo em que o sujeito se insere no mercado de trabalho, por exemplo, a partir da aquisição de uma moto financiada, demarca-se o seu lugar simbólico de consumidor-cidadão, materializando o neoliberalismo: o sujeito torna-se responsável por conseguir seu

emprego como *motoboy*, dependente de um financiamento pessoal a altas taxas de juros. “Uma profusão de formas de crédito pessoal favorece o aumento do consumo e, simultaneamente, o endividamento, a inadimplência e a insolvência” (SILVEIRA, 2009, p. 65).

INÉRCIA X MOVIMENTO

No contexto dos anos 1970 e 1980, surgiu a noção de periferia como “espaço de reprodução da força de trabalho no contexto do capitalismo periférico e dependente” (RAICHELIS, 2006, p. 28). Necessário à reprodução urbana dos trabalhadores, seria a existência e o acesso a serviços de consumo coletivo - como água, luz, creche, transporte, moradia - e à terra. Entretanto, o que ocorre é a precariedade e a ausência desses itens, ocasionando o que se denominou de espoliação urbana. Portanto, a periferia pode ser vista como um lugar para onde se convergem insatisfações populares quanto às condições de vida, podendo emergir condições propícias à mobilização social (RAICHELIS, 2006). Essa dinâmica entre comunidades que lutam mais ou menos, que têm mais propensão ou não a se mobilizar, assim como outras práticas organizativas da sociedade podem se caracterizar na relação inércia x movimento.

Foto 8 - Inércia no centro histórico de Santa Luzia



Além de atribuir características às relações sociais em si, essa relação dicotômica pode ser usada também para caracterizar a apropriação do espaço urbano. O uso que se faz do espaço é uma forma de organizar a cidade e de usar a cidade a partir de sua organização. São processos de subjetivação e objetivação do espaço (NOGUEIRA, 2009). Nesse sentido, percebe-se que o Centro Histórico de Santa Luzia é caracterizado pela inércia nos finais de semana. Isto se dá pela existência de muitos prédios públicos no local, cujo funcionamento não se estende aos sábados, domingos e feriados. A própria circulação de pessoas e carros é reduzida. Não raro se encontram idosos sentados ou andando calmamente pela Rua Direita. Outra explicação para essa característica inercial pode ser o fraco desenvolvimento

do turismo na região. Já em São Benedito, região em crescimento, voltada para o comércio e o setor de serviços, os finais de semana são repletos de movimentos. A via principal é uma avenida duplicada, separada por canteiro central, o que denota o intenso fluxo de veículos e ilustra o macromarketing, atuação conjunta entre mercado e âmbito público no sentido de gerenciamento de políticas do macroambiente (FONTENELLE, 2014). Subjetivamente, pode-se atribuir às pessoas do lugar uma busca de ascensão e mobilidade social, marcadas constantemente pelo movimento ao invés da inércia.

Foto 9 - Movimento em São Benedito



Foto 10 - Infraestrutura urbana em São Benedito



Foto 11 - Infraestrutura urbana no centro histórico de Santa Luzia

TRADIÇÃO X PROGRESSO

Nogueira (2009) defende que toda dimensão subjetiva possui uma materialidade. Esta pode ser expressa em objetos através de peso, cor, cheiro, som, altura, largura, profundidade. Portanto, o espaço é produzido e apropriado a partir do que os atores sociais sentem e representam sobre e com ele. Quando Milton Santos citado por Nogueira (2009) fala em conjunto de objetos e conjunto de ações, referindo-se ao espaço, pode-se fazer outra relação entre forma e função. A forma seria uma imagem ligada ao objeto e a função estaria ligada à ação que moldou a paisagem, objeto. Nesse sentido, a dicotomia tradição x progresso surge como características do espaço socialmente construídas.

Foto 12 - Tradição no espaço urbano do centro histórico de Santa Luzia

Foto 13 - Progresso no espaço urbano de São Benedito**Foto 14 -** Capitalismo imaterial e o progresso seletivo

É interessante notar o papel que o trabalho possui na construção da ideia de progresso em São Benedito. Na Foto 13, ele pode ser entendido como lugar de consumo (SILVEIRA, 2009), caracterizando o que Fontenelle (2014) denomina de cultura do consumo. Já na Foto 14, o progresso refere-se à legitimação de um discurso do capitalismo a partir do trabalho da arquitetura. Neste caso, Fontenelle (2014) aponta para a importância do trabalho imaterial, no qual o saber (arquitetura) se torna força produtiva e a cultura (discurso do progresso), principal mercadoria. Contudo, essa foto é emblemática, pois poderíamos problematizar: esse progresso serve a quem? Todas as pessoas que utilizam o transporte

coletivo metropolitano, conhecido como “Vermelhão” (tanto pela sua cor externa como pelo contato com a terra, explícito no pneu), estão inseridas nesse progresso? São beneficiadas por ele? Quais os limites socioambientais para esse progresso? Se existem, são respeitados? Essas questões são a essência do argumento de que o espaço é socialmente construído, subjetivado e materializado, de acordo com interesses dos atores sociais que nele agem em meio a relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a cidade de Santa Luzia, conclui-se que a cidade é organizada pelos sujeitos que fazem uso dela. A prática *organizing* insere-se no espaço de acordo com relações sociais que são construídas nele e com ele. O que é informal, nesse sentido, pode ser mais legitimado como prática cotidiana do que é formal, dependendo da sociedade que se analisa. Portanto, o formal não é regra quando o assunto é produção e organização do espaço, pois o sujeito sempre encontrará formas de construir táticas para subverter estratégias postas (CERTEAU, 1998).

Foto 15 - Formal x Informal; Ordem x Subversão



Conclui-se também que a organização do espaço urbano exerce um papel no processo de dominação, junto com outros elementos que constituem um dispositivo de poder (FOUCAULT, 2014). O novo, moderno e eficiente, representados pela construção da Cidade Administrativa, possui um aspecto dominador perante a região que a circunda, tanto material quanto simbolicamente. Belo Horizonte sobre Santa Luzia. Centro sobre periferia. O mercado sobre as cidades. A indústria sobre o turismo. Demonstra a transformação da cidade do ciclo do ouro ao pó das construções em seu entorno.

Foto 16 - Prédios da Cidade Administrativa do Governo do Estado e seu entorno



A Foto 16, portanto, projeta a segregação socioespacial e a desigualdade econômica, criando um ônus para os mais pobres e uma vantagem para os mais ricos (VILLAÇA, 2011). Basta olhar ao lado os condomínios de luxo sendo construídos ao longo do Vetor Norte em direção à Lagoa Santa, beneficiados pelos incentivos públicos e elementos de especulação imobiliária.

NOTA

1 Submetido à RIGS em: jun. 2016. Aceito para publicação em: mar. 2017.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 351 p.

FONTENELLE, I. A. O Estatuto do Consumo na Compreensão da Lógica e das Mutações do Capitalismo. **Lua Nova**, São Paulo, v. 92, p. 207-240, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

NOGUEIRA, M. L. M. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 69-86, jan./abr. 2009.

RAICHELIS, R. Gestão Pública e a questão social na grande cidade. **Lua Nova**, São Paulo, 69, p. 13-48, 2006.

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São

Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, jan./abr. 2009.

SOUZA, E. M.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. J. N. A Organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, Artigo 4, out./dez. 2015.

VILLAÇA, F. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, 25, 71, 2011.

**Paula
Fernandes
Fubino Betas**

Mestra em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.